

Marcelo Déda: a construção do imortal

Samuel Albuquerque*

Dantas, Ibarê. Marcelo Déda na construção da democracia. Aracaju: Criação Editora, 2023. 540p.

355



Naquela terça-feira, a luminosidade e o mormaço do fim de tarde aracajuano invadiam o auditório lotado do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Era 19 de janeiro de 2010, e a sessão solene, prestigiada por sócios do instituto, por intelectuais e por diversas autoridades, marcava o fim da transformadora gestão de Ibarê Dantas e o início da minha, na presidência do IHGSE.

No grande salão, todavia, as atenções estavam voltadas menos para o presidente que saía e o presidente que chegava, e mais para o carismático governador, cujo magnetismo não se amiudara diante da doença que, visivelmente, o consumia desde fins do ano anterior, quando esteve licenciado e submeteu-se a duas cirurgias em São Paulo. Marcelo Déda Chagas ainda não havia completado cinquenta anos, governava o estado desde 2007 e era, sem dúvida, o mais proeminente político sergipano.

Foi meu primeiro contato detido com Déda. Como muitos jovens da minha geração, admirava o político e já lhe havia confiado o voto nas eleições de 2000 e 2004, para prefeito de Aracaju, e de 2006, para governa-

* Historiador, professor do Departamento de História da UFS, sócio e ex-presidente do IHGSE

dor de Sergipe. Sabia que ele não estava ali para prestigiar a posse do ilustre desconhecido professor da UFS que passaria a presidir o Instituto. Honestamente (e pensando a partir do hoje), também não acredito que ele estivesse ali, somente, para reverenciar a quase centenária Casa da Memória Sergipana. Déda estava ali por Ibarê, seu antigo professor de Política, no curso de Direito da UFS, mestre que admirava e de quem se tornou amigo e interlocutor desde princípios da década de 1980.

Colhi frutos do prestígio do nosso principal historiador, que se despedia da presidência do Instituto. O governador quis prostrar um pouco, saber de mim. Ibarê estimulou a conversa, informando-me das minhas pesquisas sobre as elites oitocentistas de Sergipe, e o assunto rendeu no quarto de hora que se antepôs ao início da solenidade.

Na ocasião, o governador foi o último a fazer uso da palavra. Seria redundância destacar o efeito de sua oratória sobre os presentes. Sagaz, ele apanhou nos discursos do antecessor e do novo presidente os elementos que nortearam uma brilhante fala de improviso, que coroou aquela solenidade.

Passados treze anos daquela demonstração de atenção e afeto, o antigo professor de Déda, já octogenário, deu prova do seu vigor intelectual, surpreendendo-nos com a publicação do livro *Marcelo Déda na construção da democracia* (Criação Editora, 2023).

Cá entre nós, confesso que não fiquei assim tão surpreso, apesar da discrição laboral de Ibarê. Atento à minha dificuldade de guardar segredos, ele evitou contar do projeto em curso desde 2010, iniciado pouco depois do lançamento da também monumental biografia de “Liandro” Maynard Maciel.

Acontece que conheço um pouco do *modus operandi* do amigo. Sabia que ele, silenciosamente, aprontava alguma novidade. Quando o visitava, em sua casa na Atalaia, e era questionado sobre o que andava estudando, aproveitava para retribuir a pergunta, já sabendo que teria uma resposta evasiva, mas apostando na insistência de arrancar-lhe uma pista.

Quando soube que um novo livro de Ibarê havia ido ao forno da Gráfica J. Andrade, mas que o tema era desconhecido, tratei de, em



nossa primeira conversa telefônica, perguntar-lhe quando seria o lançamento do livro sobre Déda. Ele demonstrou dúvida, somente, quanto à data do lançamento. Concluí que havia acertado no palpite.

Sensibilizado, talvez, com minha habitual ansiedade, Ibarê presenteou-me com o primeiro exemplar do livro saído de sua casa, um privilégio para alguém que, desde o livro *Eleições em Sergipe* (2002), publicado há mais de vinte anos, vem acompanhando com atenção e resenhando a produção desse historiador.

E já que me referi ao lançamento do livro sobre Déda, preciso registrar que ele ocorreu na tarde-noite do último dia 09 de maio, com o Museu da Gente Sergipana tomado por intelectuais, políticos, familiares, amigos e leitores de Ibarê. Foi uma clara demonstração do reconhecimento e do lugar de destaque desse historiador e cientista político, bem como do apelo provocado pelo tema do livro, pelo amplo interesse em torno da biografia de Marcelo Déda.

A volumosa obra possui mais de quinhentas páginas e passou pelo excelente trabalho de preparação gráfica de Adilma Menezes, da Criação Editora. Ao longo de dezesseis capítulos, com método e escrúpulo de historiador que persegue a neutralidade (mesmo diante da impossibilidade de alcançá-la), Ibarê estuda a trajetória política de Marcelo Déda Chagas (1960-2013) “em meio às contingências do seu tempo”, partilha com seus leitores “uma visão de conjunto da atuação de Marcelo Déda na esfera pública”. Como sabemos, Déda exerceu mandatos de deputado estadual (1986-1990) e deputado federal (1995-2000), elegeu-se prefeito de Aracaju em 2000 e 2004 e governador de Sergipe em 2006 e 2010. Foi, como destacou o senador Valter Pinheiro, em 2013, o timoneiro de Sergipe e uma das mais brilhantes estrelas do Partido do Trabalhadores.

É, portanto, no espaço público, dentro do contexto histórico estadual e nacional, que tentarei compreender o sentido da militância de Marcelo Déda no curso de cerca de três décadas. Nos movimentos estudantis e populares. Na atuação partidária e nos parlamentos. Na montagem das variadas coligações e nas campanhas eleitorais. Nas disputas com correligionários e adversários. Nas suas derrotas e nas vitórias. Como prefeito da capital e como governador. Enfim, como



uma figura marcante do seu tempo, em luta persistente pela democracia voltada para ampliação da cidadania (Dantas, 2023, p. 14).

Em seu comprometido trabalho de biógrafo, Ibarê trava diálogo teórico com intelectuais como o historiador francês Jacques Le Goff, autor de célebre biografia de São Luís de França, e a filósofa alemã Hannah Arendt, notadamente suas reflexões em *A condição humana*, obra publicada no Brasil em 1983, e *Origens do totalitarismo*, surgida mais recentemente, em 2012. O sociólogo alemão Norbert Elias, por quem partilho o gosto, também serve de referencial teórico para Ibarê, notadamente o excelente livro *Os alemães*, publicado no Brasil em 1997.

O autor considerou possíveis limitações de sua obra, destacando, inclusive, que o “multifacetado” Marcelo Déda pode e deve ser lido e estudado por outras lentes e ângulos. “Ele comporta vários tipos de análise” (Dantas, 2023, p. 14). Ibarê também destaca que teve que lidar atentamente com questões que poderiam influir em sua análise, como o curto distanciamento temporal do objeto de estudo (o que não é, necessariamente, um problema para um cientista político) e a proximidade pessoal com o biografado. “Essa [minha] proximidade com o líder petista gerou laços de amizade e gestos de reconhecimento. Isso não me inibe de apontar problemas decorrentes de suas práticas, honrando o ofício de historiador, que servirá de baliza para o julgamento da obra” (Dantas, 2023, p. 16).

A notória erudição de Ibarê pode ser evidenciada, sem esforço, no novo trabalho. Além disso, o rigor no levantamento e na análise das suas fontes segue o padrão observado nas biografias dos Maciel, publicadas em 2009 e 2017.

Colhi informações em depoimentos presenciais e a distância, entrevistas, mensagens e discursos, revistas e livros, teses de doutorado e dissertações de mestrado, monografias e relatórios, jornais e plataformas digitais, imagens e sites, documentos públicos e privados, bem como manuscritos (Dantas, 2023, p. 15). Tudo é devidamente explorado ao longo e elencado ao final do livro.

Para um historiador que, prioritariamente, se dedica ao estudo do século XIX, como é meu caso, a obra que completa a trilogia de



lbarê sobre indivíduos políticos representativos da sociedade sergipana entre os séculos XIX e XXI não possui a mesma savoria da inaugural e, na minha avaliação, insuperada biografia de *Leandro Ribeiro de Siqueira Maciel (1825-1909)*, surgida em 2009. Penso que a biografia do “Leandro pai” está para a Historiografia Sergipana como está *Um estadista do Império*, de Nabuco, para a Historiografia Brasileira. É o exemplo melhor acabado de biografia que temos, considerando que o estudo do indivíduo revela a constituição e as transformações da sociedade sergipana emancipada politicamente da Bahia, desde a década de 1820 até princípios do século seguinte.

Não tenho dúvida, porém, que essa é uma apropriação muito particular das biografias escritas por lbarê. Como nos ensina o mestre Roger Chartier, cada leitor se apropria de um texto condicionado por limitações e interesses. E, definitivamente, História do Tempo Presente não é minha praia. É muitíssimo compreensível que outros competentes leitores julguem mais envolvente e elucidativa a biografia de Déda. Difícil, mesmo, será discordar da competência e da seriedade do trabalho do historiador e biógrafo lbarê Dantas.

Particularmente, calou mais fundo, mobilizou-me em demasia os momentos do texto que abordam a infância de Déda em Simão Dias, na década de 1960, gravitando em torno da luminosa figura de José de Carvalho Déda (1898-1968), seu culto e operoso avô Zeca Déda; e que abordam os momentos mais dramáticos de sua trajetória, na década de 2010. Aliás, parece mesmo que temos uma tendência em cultivar a memória daqueles que partem cedo. Nesse sentido, chama atenção o fato de os políticos sergipanos melhor iluminados pela Historiografia serem figuras que morreram precocemente, como Inácio Barbosa e Fausto Cardoso.

Em se tratando de “operação historiográfica”, sabemos que a subjetividade de qualquer autor atravessa seu texto. Caso fosse escrever, por exemplo, sobre a quebra-de-braço entre o governo Déda à testa do estado e o Sindicato dos Trabalhadores da Educação de Sergipe (Sintese), como o fez lbarê nos capítulos onze e quinze da obra em questão, tenderia a buscar maior equilíbrio entre os testemunhos produzidos pelos representantes do governo e dos professores. Ficou-me a ideia de que lbarê valorizou mais o primei-



ro tipo de testemunho, em seu esforço de interpretar as consequências financeiras da implementação do piso salarial do magistério, bem como o vexatório desempenho de Sergipe nas avaliações de desenvolvimento da Educação Básica. Mas História é interpretação de realidades pretéritas. Outros olhares sobre a mesma questão podem (e devem) produzir leituras distintas. Aliás, a pluralidade de interpretações somente enriquece o conhecimento sobre um fato histórico.

No geral, a leitura que Ibarê faz da presença de Déda na vida política brasileira (como deputado federal) e, sobretudo, sergipana (como deputado estadual, prefeito de Aracaju e governador de Sergipe) é bastante sóbria e marcada por boa dose de escrupulo de historiador atento aos perigos de estudar personagem que lhe era próxima e cara. Julgo que o que poderia constituir o calcanhar de Aquiles da obra foi manejado com rigor, resultando em um texto honesto e crível. Exemplo disso é a análise equilibrada de Ibarê ao considerar o sufocamento orquestrado pelo governo federal à gestão do governador João Alves Filho, o que teria incidido nos rumos das eleições de 2006, que elegeram o prefeito licenciado de Aracaju, Marcelo Déda, para o executivo estadual. Conforme Ibarê,

No terceiro governo de João Alves (2003-2006), os investimentos foram reduzidos pelo boicote do presidente Lula. Apesar disso, ampliou a Orla, construiu estradas e pelo menos duas pontes, uma ligando Aracaju a Socorro e outra ligando a capital a Barra dos Coqueiros. Ademais, iniciou a ponte Joel Silveira (Dantas, 2023, p. 250).

No desfecho do livro, arremata novamente:

Em Sergipe, João Alves Filho tomou posse no terceiro mandato (2003-2006) num tempo de estabilidade monetária, quando se previa uma gestão tranquila. Mas, ao opor-se com obstinação à proposta da reforma tributária, o governo Lula reduziu as transferências financeiras e inviabilizou o empréstimo para a construção da ponte Aracaju-Barra dos Coqueiros, que



terminou inaugurada com sacrifício de outras obras (Dantas, 2023, p. 504).

Refletindo sobre o legado individual de Déda ao campo intelectual, Ibarê concluiu e justificou:

Não obstante seu saber ilustrado de intelectual com vários atributos excepcionais, a vida política limitou sua manifestação literária. Deixaria os discursos, as entrevistas, o livro de poemas e os efeitos de sua presença na política dos mais relevantes da História de Sergipe. Mas era pouco para sua estatura intelectual e ele almejava muito mais (Dantas, 2023, p. 491).

Ainda assim, para além dos célebres discursos (re)editados na obra, encontramos uma rica e corpulenta nota de rodapé, à página 468, sobre o Marcelo Déda leitor, sobretudo de clássicos, a exemplo dos *Sermões* do padre Antônio Vieira. Ao deparar-me com essa nota, que pode ser lida como uma sugestão de estudo sobre um tema específico (o do leitor Marcelo Déda), veio-me uma boa memória, um testemunho orgulhoso de minha mãe.

Em maio de 2010, às vésperas de se aposentar, ela dirigia a Escola Estadual José Inácio de Farias, no município de Monte Alegre de Sergipe, unidade que passara por uma ampla reforma e ampliação. Na retomada das atividades, recebeu a visita do secretário de Educação e do governo do estado. Animado com os resultados da obra, três coisas chamaram mais a atenção do governador: o bem-equipado laboratório de informática, com pleno acesso dos terminais à *internet*; o depósito da merenda escolar, limpo, ordenado e farto; e a biblioteca da escola, cuidadosamente organizada pela própria diretora. Déda deparou-se com os *Sermões* de Vieira, vibrou com o achado e com o fato de a coleção estar à mão dos estudantes e professores daquela escola sertaneja.

Ao final da visita, soube que a professora que dirigia a escola estava prestes a se aposentar. Reservadamente, pediu que o secretário viabilizasse, legalmente, a permanência da professora Marilene à frente do Inácio. Mas minha mãe já estava cansada e decidida pela

efetiva aposentadoria. Declinou gentilmente da oferta. Ainda assim, jamais esqueceu o ato de reconhecimento do governador que ela, uma “alvista” à época, não ajudara a eleger.

O novo livro de Ibarê é uma demonstração de coragem do historiador e cientista político, que, ao se debruçar sobre um recentíssimo período da nossa história (décadas finais do século XX e iniciais do século atual), analisa e chega a conclusões por vezes duras sobre atores que seguem ativos em nossa vida política e social.

A biografia de Déda ganhou contornos de uma prosopografia da classe política sergipana do último entre-séculos, e Ibarê não se esquivou de assinalar contradições e problemas nas ações desses atores. Aliás, mesmo Déda não é heroicizado na obra e o trabalho não se confunde com um panegírico, com uma narrativa louvaminheira. Fiquei, assim, imaginando as expressões faciais e os possíveis xingamentos decorrentes da leitura do livro pelas vivíssimas personagens cujas trajetórias se entrecruzam com a de Déda e que compareceram ao lançamento do livro no último dia 09 de maio. Certamente, para muitos dos que estiveram ali, a leitura do livro de Ibarê está sendo indigesta.

Com mais esse livro de História, Ibarê Dantas se consagra, também, como biógrafo de grandes figuras políticas de Sergipe. E esta é uma seara atraente e, ao mesmo tempo, carente de cultivo entre nós. Figuras importantes e controversas do nosso passado mais remoto, como o Comendador Sebastião Gaspar de Almeida Botto e o Barão de Maruim, e do nosso passado mais recente, como João Alves Filho, merecem, da parte de historiadores, estudos apurados e sérios como o surgido agora, em torno de Marcelo Déda.

Concluo esta minha resenha tornando à tarde-noite em que a biografia de Marcelo Déda foi lançada. Na ocasião, fui tocado, como muitos ali, por memórias relacionadas ao biografado. Lembrei-me que, naquele mesmo museu, tive outro encontro com o governador. Homem culto e atento à vida intelectual de sua província, Déda esteve presente ao lançamento do livro de crônicas *Histórias de vários tempos*, do desembargador aposentado Arthur Oscar de Oliveira Déda, seu tio, em uma noite de julho de 2012.



Mesmo muito assediado, o governador notou-me na longa fila que ele, certamente, não precisaria esperar. Mudou o prumo, veio ao meu encontro, cumprimentou-me com um largo sorriso e um aperto de mão, e contou-me que vinha lendo, semanalmente, a série de artigos que estava publicando no Jornal da Cidade, sobre as vivências da família de um antigo político sergipano, o Barão da Estância, no Rio de Janeiro do século XIX. O entusiasmo do governador contagiou-me. Ele parecia ter sorvido com prazer cada pequeno artigo da longa série, que intitulei *Guiado pelas memórias de Aurélia*. Pena que não pude presentear o governador com o livro em que reuni esses artigos. Em 2015, quando o fiz, Déda já havia virado nome de museu, já dava largos passos na fabricação de sua imortalidade.

Lembrei-me, também, que, ali perto, debruçado sobre um dos janelões do Edifício Atalaia, onde morava em 2013, vi passar, sob fogos e aplausos, não a procissão do Bom Jesus, em janeiro, mas o carro de bombeiros que trazia a esquife com o corpo do governador Déda, naquele triste dia de dezembro.

E foi na enlutada Aracaju de fins de 2013 que a ressurreição de Déda, que a fabricação de sua imortalidade teve início. As exéquias realizadas do Palácio-Museu Olímpio Campos, “lugar de memória” que o próprio Déda se empenhou em restaurar inteiramente em seu primeiro mandato de governador, representam o início do culto à memória do político, embalado pela presença do seu povo e de autoridades políticas como a presidente Dilma Rousseff e o ex-presidente Lula, entre tantas outras, incluindo governadores e ministros.

Poucos meses depois, nossa mais famosa unidade museal foi “rebatizada” e passou a se chamar Museu da Gente Sergipana Governador Marcelo Déda. Em 2014, foi a vez da criação do Instituto Marcelo Déda (IMD), estabelecido desde 2020 na Biblioteca Pública Epifânio Dória. Entre iniciativas de natureza similar, destacaria ainda a inauguração, em 2018, do Monumento Governador Marcelo Déda, no Parque Augusto Franco (Parque da Sementeira), onde foram depositadas parte das cinzas do ex-governador.



Julgo que o livro de Ibarê, a biografia recém-lançada de Marcelo Déda, coroa essas ações, converte-se em pedra angular dessa construção, dessa fabricação do imortal. O livro dá sentido e indica a importância e as potencialidades do acervo preservado no IMD. O livro dirá às gerações futuras quem foi o carismático governante eternizado na denominação do museu da Avenida Ivo do Prado e no monumento do Parque da Sementeira.

Dez anos após a partida de Déda, com a biografia escrita por Ibarê Dantas, o governador que tão jovem deixou a vida, renasceu para a História.

